

## BRINCADEIRAS E BRINQUEDOS QUE TIVE UM DIA: O MUSEU DO ASSENTADO NO MUNICÍPIO DE ROSANA/SP<sup>1</sup>

Leandro Giovane Moreira Gonçalves  
Rosangela Custodio Cortez Thomaz

**RESUMO:** O tempo é líquido, as memórias extraviam-se ao longo dos anos, a cultura se transforma, remonta-se, se perde, renasce e vive. Com o intuito de resgatar as memórias das brincadeiras e brinquedos que seis assentadas do Município de Rosana/SP tiveram um dia, o presente trabalho fez uso de entrevistas semiestruturadas e embasou-se em referências teóricas, bem como livros, artigos, monografias e etc, que abordam a infância e a sua importância na constituição do indivíduo e na perpetuação da cultura. Destarte, tornou-se possível aferir quais brinquedos e brincadeiras são tradicionais deste grupo de pessoas dos Assentamentos de Reforma Agrária, Nova do Pontal e Porto Maria e, além disso, visualizar a relevância da infância para constituição do futuro Museu do Assentado do Município de Rosana/SP.

**Palavras-chaves:** Infância; Brincadeiras; Brinquedos; Museu do Assentado; Relatos Oraís.

**ABSTRACT:** The time is liquid, the memories have stray over the years, the culture is transformed back-up is lost, reappears and lives. In order to rescue the memories of games and toys that six settled in the municipality of Rosana / SP had a day, this paper made use of semi-structured interviews and underwrote in theoretical references as well as books, articles, monographs, etc., addressing childhood and its importance in the constitution of the individual and the perpetuation of the culture. Thus, it became possible to determine which toys and games are traditional of this group of people of Agrarian Reform, New Pontal and Port Maria and, in addition, display the relevance of childhood for the constitution of the future Museum of Rosana/ SP.

**Keywords:** Childhood; Games; Toys; Seated Museum; Oral Reports.

### INTRODUÇÃO

Localizado no extremo Sudoeste do Estado de São Paulo, o Pontal do Paranapanema é pertencente à região Alta Sorocabana do extremo oeste do Estado de São Paulo; delimitada pelos rios Paranapanema; fronteira com o Estado do Paraná; e Paraná; fronteira com o Estado do Mato Grosso do Sul. A atividade econômica predominante na região é a agropecuária, dado que a estrutura fundiária da mesma está baseada em latifúndios locados em terras pertencentes ao Estado, que foram grilladas em anos passados (THOMAZ, 2013, p. 5).

---

<sup>1</sup> Trabalho pertencente à Iniciação Científica “Patrimônios e Lazer Turísticos: O Museu do Assentado no Município de Rosana/SP”, financiada pelo PIBIC/CNPQ.

A ocupação do Pontal foi marcada por inúmeros fatores desumanos e ilegais, como o extermínio dos indígenas, grilagem de terras, desmatamento, comercialização e ocupação de terras. Um dos grandes grilos que aconteceram foi o da fazenda Pirapó-Santo Anastácio, tendo preceitos empresariais, dando origem a inúmeras outras fazendas (SOBREIRO, 2013, p. 52).

Monbeig (1984) salienta que a marcha capitalista para o Oeste Paulista aconteceu em três etapas. A primeira tem origem de 1900 a 1905, embalada pela conjunta produção de café e a construção das estradas de ferro no estado de São Paulo (SOBREIRO, 2013, p. 53).

A segunda etapa durou até meados de 1929, que foi palco da crise econômica, sobretudo a crise do café no contexto mundial. Dessa forma a vinda de imigrantes, as migrações internas e o avanço das estradas de ferro se tornaram mais presentes nas zonas pioneiras.

A marcha para o Oeste Paulista foi impulsionada pelo modelo capitalista de produção. Dessa forma, como existiam inúmeras terras a Oeste do estado, várias ações pioneiras se formalizaram para explorar a nova área e incorporar esses espaços ainda não utilizados para o plantio (SOBREIRO, 2013, p. 54).

Sobreiro (2013, p. 93) ainda expõe que por conta dos inúmeros „grilos” que ocorreram, em 21 de fevereiro de 1891, o Ministério da Agricultura foi favorável a alocação de colonos estrangeiros nas terras da Fazenda Pirapó-Santo Anastácio (que era uma terra grilada posteriormente). Com isso intensificou a vinda de migrantes para a região, pois muitos consideraram que essa era uma terra devoluta. Dessa forma aconteceu um processo de grilagem dentro de uma terra já grilada.

Contudo, o surgimento das cidades se intensificou por volta de 1951, com a Estrada de Ferro Sorocabana que decide criar um ramal saindo de Presidente Prudente/SP até as barrancas do Rio Paraná (LEITE, 1998, p. 95).

Segundo Leite (1998, p. 97) no ponto final dos trilhos a firma Camargo Correia, decide fazer uma cidade. O município se chamaria Rosana, nome de uma das filhas de Sebastião Camargo, a cidade seria cercada por lotes rurais, chácaras, sítios e fazendas. Contudo, a estrada não foi finalizada até a atualidade.

É visto que os conflitos pela posse de terra sempre foram marcantes no Pontal do Paranapanema e só tiveram uma diminuição com a construção das usinas

hidrelétricas de Porto Primavera/SP, no rio Paraná, e, em Rosana/SP e Taquaruçu, no rio Paranapanema e a instalação da Destilaria de Álcool Acídia no município de Teodoro Sampaio/SP (PAIÃO, 2001, p. 40).

Segundo Paião (2001, p.39) após o termino das usinas hidrelétricas de Porto Primavera/SP, Rosana/SP e Taquaruçu, que geraram cerca de 30 mil empregos para região, muitos empregados foram demitidos. Diante disso muitos trabalhadores continuaram na região sem perspectiva de trabalho, fechamento dos estabelecimentos e crise econômica, estes se viram obrigados a voltar para o campo.

Surge nesse período o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-MST, que começa a exercer forte pressão sobre o governo e nos fazendeiros, pelo fato das terras da região serem devolutas e pertencem ao Estado, logo, deveriam sofrer o processo da reforma agrária (PAIÃO, 2001, p. 40).

Em julho de 1990 o MST fez a sua primeira ocupação no Pontal, especificamente no município de Teodoro Sampaio/SP, iniciando assim o quadro de luta por terras no oeste paulista (FERNANDES e RAMALHO, 2001).

Diante da instabilidade social, econômica e pelas ocupações e conflitos, sendo a região do Paranapanema a mais pobre do Estado de São Paulo, o governo em 1995 decide implantar o plano de ação governamental para o Pontal.

Compete ao Instituto de Terras do Estado de São Paulo - ITESP, criado por lei estadual em 1999, a discriminação das terras devolutas do estado e, ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, a discriminação das terras devolutas em âmbito federal. Segundo Paião (2001, p. 51), a tramitação das posses de terras realizada pelo ITESP, que tem como intuito verificar a autenticidade da posse de terra, está em tramitação até os dias atuais. Contudo inúmeros assentamentos de reforma agrária já foram criados nos últimos anos.

Segundo Pimentel (2005, p.125), ate o ano de 2001, a região do Pontal possuía cerca de 88 assentamentos rurais, distribuídos em 16 municípios. Destes Mirante do Paranapanema/SP era o que mais possuía assentamentos, cerca de 33% do total.

Até meados de 2001 o município de Rosana, que está localizado no extremo Oeste do Estado de São Paulo, fazendo divisa como os municípios de Euclides da

Cunha Paulista, Teodoro e Sampaio e com os Estados de Mato Grosso do Sul e Paraná, possuía três (3) assentamentos, que eram os assentamentos Nova Pontal, Bonanza e Gleba XV de Novembro, com 717 famílias assentadas em uma área de 17240 hectares e, em 2005 foi instituído o assentamento de reforma agrária Porto Maria (FERNANDES e RAMALHO, 2001).

Segundo o Censo 2010, realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população do Município era de 19.691 habitantes, desses 80% estão na cidade, e atualmente com a implantação do Assentamento de Reforma Agrária no Porto Maria, em 2008, o município possui quatro (4) assentamentos, com mais de 800 famílias de agricultores.

Embasado nos fatos históricos condizentes ao uso e apropriação de terras no Pontal do Paranapanema, o presente trabalho tem como intuito explicar sobre os resultados obtidos na primeira fase pela Iniciação Científica “Patrimônios e Lazeres Turístico: O Museu do Assentado no Município de Rosana/SP”, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPQ.

Abordamos inicialmente os relatos orais sobre a infância, em especial, sobre as brincadeiras e momentos de lazer de seis (6) assentadas, as senhoras: Maria de Lurdes, Camila Marsola e Neuzeme de Oliveira, assentadas pertencentes ao assentamento Nova do Pontal e as senhoras: Vera Oliveira, Ivane Pereira e Sandra da Silva assentadas no assentamento Porto Maria.

## **METODOLOGIA**

Utilizou-se para a realização deste trabalho visitas aos lotes das assentadas para que fosse possível a realização de entrevistas semiestruturadas que abordam os aspectos origem e trajetória de vida no emulo coletivo e individual da entrevistada. A partir da coleta da entrevista, sendo esta gravada em um aparelho celular, a mesma foi transcrita na íntegra para servir de base neste trabalho.

Além disto, com o intuito de aprofundar as discussões, utilizou-se livros, artigos científicos, sites, monografias e outras matérias que versam sobre o folclore, brincadeiras tradicionais, desenvolvimento infantil, turismo rural entre outros.

## TURISMO NO ESPAÇO RURAL

No patamar internacional, a partir do século XX o processo de crescimento e desenvolvimento econômico gerou regiões segregadas, tanto do ponto de vista territorial, quanto ao social. Esse fato se concretiza pelo acúmulo de capital em poucas áreas, geralmente urbanizadas (PORTUGUEZ; et al, 2006, p.1).

Segundo Portuguez (et al, 2014) O meio rural nesse período é, e era exemplo dessa segregação, devido ao fato das cidades centralizarem a geração do capital, a força de trabalho e as decisões e, em decorrência disso, se observa o início do êxodo rural.

Para desviar da alta vulnerabilidade econômica, várias comunidades rurais passaram, a reagir, mobilizando-se para suavizar seus problemas e obter novos resultados econômicos. Com isso o turismo no espaço rural passa a se projetar nos últimos dez (10) anos do século XX como uma nova alternativa.

Segundo Santos, a vida moderna é marcada pela constante poluição sonora, ambiental e visual, além de todos os tipos de violência e doenças provocadas pelo desgaste psicofísico das pessoas, tais características são encontradas nos grandes centros urbanos e, com isso, o turismo rural passa a ser uma alternativa de fuga dos médios e grandes centros urbanos (PORTUGUEZ, et al, 2006, p. 6).

O turismo no espaço rural trata-se de um turismo brando, que visa prospectar a diminuição dos impactos negativos e, além disso, tem um dos pilares de sustentação o desenvolvimento das atividades tradicionais, que podem contribuir para desaceleração do êxodo rural.

Além da desaceleração do êxodo rural, segundo Pellin, o turismo rural contribui com a agregação de renda e emprego para comunidade autóctone, permite um desenvolvimento sustentável, valorização dos traços culturais e, também, proporciona a dinamização econômica (PORTUGUEZ, et al, 2006, p. 126).

Segundo Rodrigues, as atividades que podem ser desenvolvidas dentro do turismo rural são inúmeras, dessa forma para fim de classificação ele utiliza dois grandes grupos: o turismo rural tradicional, que se subdivide em de origem agrícola e colonização européia, e a categoria de turismo rural contemporâneo, que se

subdivide em hotéis-fazenda, pousadas rurais, spas rurais, segunda residência campestre e campings rurais (ALMEIDA e RIEDL, 2000, p. 67).

O turismo no espaço rural deve ser desenvolvido de forma harmoniosa e sustentada no respeito à diversidade cultural presente em cada região, dessa forma oferecendo ao visitante a vivência no meio rural desfrutando da sua história, gastronomia, hospedagem, modos de fazer, bem como seus modos culturais (Rural, 2014).

Embasados nos elementos elencados acima a Iniciação Científica “Patrimônios e Lazer Turístico: O Museu do Assentado no Município de Rosana/SP” tem como intuito de inventariar o patrimônio material e imaterial contidos nos traços culturais da origem e trajetória dos assentamentos de reforma agrária do município de Rosana/SP, sendo eles: Gleba XV de Novembro, Nova do Pontal, Bonanza e Porto Maria; objetivando assim a implantação de um Museu do Assentado, sendo esta uma proposta pioneira no estado de São Paulo.

Dessa forma, devido à importância cultural dos museus para um grupo social, eles se tornaram atualmente em atrativos turísticos, fato esse que gera renda e desenvolvimento para as comunidades receptoras, ou seja, além de serem elementos de preservação da identidade local, os museus, tornam-se mais um mecanismo de renda, garantindo assim, a permanência do homem no campo (BARRETO, 2007, p. 141).

## **RECORDAR É VIVER**

Ao longo de nossa formação fundamental somos conscientizados que necessitamos deter conhecimento do passado para assim compreender o presente e a partir disto prospectar um futuro. O passado, enquanto o passado vivido pelos indivíduos é evocado em vários instantes de nossa vida, seja por recordamos de uma música, um cheiro, uma comida ou qualquer outro fator ou objeto que nos faça reviver momentos.

Destarte, como abordagem inicial, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as assentadas sobre a sua origem e trajetória de luta. Assim,

retiramos destas entrevistas os fragmentos que retratam sobre a infância, bem como os momentos de lazer, recreação e de brincadeiras das assentadas.

Inicialmente faz-se necessário salientar a diferença existente entre brinquedos e brincadeiras retratada por Araújo (2004, p. 400):

[...] brinquedos aqueles que não há disputa, brinca-se por brincar, joga-se por jogar: brincar com boneca, perna-de-pau, catavento, papagaio, peteca, passar o filipe, quebra-pote etc. Brincos (ou brincadeira) seriam aqueles jogos em que há disputa, provocam o desejo de ganhar, de vencer: bolinha de gude, jogo da castanha ou pinhão ou fava, futebol de meia linha, acusado, unha-na-mula [...].

Por meio da explanação torna-se possível afirmar que as brincadeiras são elementos que visão a integração dos indivíduos, bem como a socialização e inserção do sujeito nos organismos da sociedade. Os brinquedos, por sua vez, possuem características individualistas, porém as concepções de atividades sociais e não-sociais, intercalam-se, dado ao fato de que as crianças também brincam com brinquedos em conjunto.

Embasado na importância das brincadeiras e brinquedos da infância, enquanto elementos de constituição da personalidade individual e patrimônio cultural foi perguntado a primeira entrevistada, a senhora Maria de Lurdes, pertencente ao assentamento Nova do Pontal, possui 53 anos e é natural do município de Diamante do Norte/PR, se a mesma brincava em sua infância e, se brincava qual eram essas brincadeiras, em resposta mencionou-se que:

*(...) Nós tivemos infância, porque na nossa época de pequeno, juntava as crianças e os adultos, pai, mãe, avó e tios, juntava assim de noite no terreirão, a lua clara, porque não tinha energia, então a gente sentava ali, eles iam conta história, conta piada, brinca de passar anel, bimborão da cruz, eu minha infância, tinha um campo de futebol em frente a casa que eu morava eu brincava, jogava bola, brincava de queima, brincava e muito, eita que tempo bom.*

Durante os relatos da entrevistada verificou-se uma euforia ao lembrar-se da infância e, sobretudo, um sentimento de felicidade ao relembrar deste período. Dentre os relatos da entrevistada ressalta-se a menção a uma brincadeira “Bimborão da Cruz”, esta, por sua vez, não dispõe de uma quantidade considerável de

referencial acadêmico. Entretanto, Abrahão (2006, p.123) expõe em sua dissertação de mestrado qual é a cantiga dessa brincadeira, segundo ele:

Bimborão da Cruz - Domínio popular  
Oh, Bimborão da Cruz  
Por aqui quero passar  
Por aqui eu passarei  
E a menina deixarei  
Qual delas será  
A da frente ou a de trás  
A da frente corre muito  
A de trás ficará  
Passa daqui  
Passa dali  
A última há de ficar  
A última há de ficar.

A brincadeira inicia-se quando dois integrantes do grupo escolhem uma “senha”, havendo variações entre “garfo e colher” ou “céu e inferno”. Feito isto os integrantes devem elevar seus braços e uni-los no alto. Os demais integrantes devem passar por baixo dos braços elevados pronunciando a cantiga e após pronunciarem a última estrofe “... a última há de ficar...” os integrantes da ponte devem baixar os braços prendendo quem estiver passando no momento. O integrante que foi preso deve escolher entre uma das senhas que foram ocultadas no início do jogo e sair do jogo para, assim, compor o time “céu ou inferno” e/ou “garfo ou colher”. Ganha o time que tiver mais integrantes do lado de fora (ABRAHÃO, 2006, p. 123).

A senhora Vera Oliveira, pertencente ao assentamento Porto Maria, atualmente tem 41 anos e é natural da cidade de Goioerê/PR, quando questionada sobre suas brincadeiras de infância mencionou que brincava de “(...) *balança cachão, balança você, tinha brincadeira do passa anel, é é, caia no poço quem tira meu bem, brincadeira gostosa (...)*”

A brincadeira “caia no poço quem tira meu bem” mencionada pela entrevistada é conhecida popularmente como “Caí no poço”. A brincadeira inicia-se com a separação de meninos e meninas e um dos brincantes deve moderar o grupo, este inicialmente deve escolher um dos integrantes e vendá-lo (a). A missão do moderador é encontrar o “bem” do integrante vendado, para isso eles apontam para os participantes enfileirados perguntando “é esse?” e, após definir seu “bem”, quem

está às cegas deve dizer “pera, uva, maçã ou salada mista” para decidir como será liberto. Sendo que pera corresponde a um aperto de mãos; uva, a um abraço; maçã, a um beijo no rosto; e salada mista, à soma dos três anteriores (AMARAL, 2016).

A senhora Camila Marsola, pertencente ao assentamento Nova do Pontal, atualmente com 42 anos, natural do município de Teodoro Sampaio/SP, menciona a despeito de suas brincadeiras que “(...) *brincava de passar anel, ai na escola brincava de roda, brincava de burca, brincava de bulgaia, essas brincadeira, que não tem hoje mais, amarelinha*”.

A brincadeira “bulgaia” mencionada pela entrevista possui inúmeras variações de nome de acordo com sua região, entre eles estão as acepções de “cinco Marias”, “saquinhos”, “pedrinhas” entre outras. Araújo (2004, p. 416) discorre que:

As pedrinhas em geral são cinco e constituem os elementos únicos de interessante jogo infantil conhecido por jogo-das-pedrinhas, praticado desde a Antiguidade Clássica. Jogo de habilidade e destreza que desenvolve na criança a coordenação motora. Muitas e muitas vezes, vimos crianças tristes e sozinhas passarem horas e horas entretidas jogando pedrinhas: atirando uma para cima, depois duas e assim sucessivamente, reunindo-as depois, fazendo as mais variadas combinações.

Camila também conta que grande parte dos brinquedos e brincadeiras que teve em sua infância eram criados por ela, segundo ela “(...) *a gente inventava muito pegava as coisas fruto, para fazer bichino, ponhava perninha, dai quando era época de milho a gente catava as bonecas, ai fazia o fogãozinho de lenha essas coisa (...)*”.

A senhora Ivane Pereira, por sua vez, residente do assentamento Porto Maria, com 43 anos na atualidade, natural da cidade de Euclides da Cunha/SP, afirma que “*brincava de boneca, tanta coisinha que naquele tempo nem boneca tinha (...)* *brincava de esconde-esconde, de roda, amarelinha, era essas brincadeiras*”. A entrevistada relata que as bonecas de sua época eram feitas de sabugo de milho, que por conta do baixo poder aquisitivo restava a Ivane fazer uso do fator lúdico, que como dissertado pela mesma bastava “*enrola no pano, ai é uma boneca*”.

Além disto, em seu relato anterior Ivane faz menção a uma brincadeira tradicional e presente na infância de um número considerado de pessoas, a

“amarelinha”, que assim como os outros jogos e brincadeiras possui inúmeros sinônimos. Segundo o Dicionário do Folclore Brasileiro “(...) acadêmica, cademia. Jogo infantil muito antigo, espalhado por todo o Brasil, com inúmeras variantes. Conhecido como amarelinha ou marelinha no Rio de Janeiro, maré em Minas Gerais, avião no Rio Grande do Norte e pular macaco na Bahia (...)” (CASCUDO, 2012, p. 6).

Já a senhora Neuzeme Oliveira, residente do assentamento Nova do Pontal, natural do município de Conselheiro Pena/MG, ao ser questionada sobre as brincadeiras de sua infância discorreu que:

*(...) Inclusive eu tava vendo uma reportagem na televisão, não foi uma reportagem foi um filme do Mazarope, deixa eu falar logo a verdade, que eu adoro os filmes do Mazarope e, as crianças brincando de Roda e, hoje não ve mais isso. Ai eu, voltei ha quantos anos atrás, a uns 40 anos atras eu voltei, 40 e poucos.*

Continuando com suas memórias, Neuzeme relata em outro momento que “*brincava de roda, cantando, brincando, junto com as meninas os meninos. Joga Bets, eita como eu gosto de jogar bets, até hoje, de queima, eu não sei se você sabe o que é isso. Brincar de queimada com bola*”.

A brincadeira “bets” mencionada pela entrevistada também é conhecida como “taco”. A brincadeira originada na Islândia necessita de poucos materiais, basicamente uma bolinha de borracha, um par de “tacos de madeira” e duas casinhas feitas de madeira ou gravetos. Destarte, as duas duplas que devem compor o jogo se revezam na troca da bola e do taco, sendo que só marcam pontos quem tem a posse do taco, entretanto o jogo possui inúmeras regras e variações da mesma conforme a região (SILVA e GONÇALVES, 2010, p. 73).

Além das brincadeiras, Neuzeme menciona que também brincou com bonecas e, assim como relatado por Ivane, ambas não detinham condições financeiras para comprar bonecas industriais. Segundo ela, sobre suas bonecas “*(...) quando era criança era boneca de milho, porque não tinha condições de comprar, de pano que minha mãe fazia as roupas que ela fazia para nós. Isso ai eu sinto falta, também, aqueles vestidinhos de bolinha, tudo feito na mão porque não tinha maquina, não tinha nada (...)*”.

Ao longo das entrevistas duas entrevistadas, Vera e Neuzeme, mencionaram em momentos distintos que brincavam de “burca”. Segundo Friedmann (2012, p. 92):

O objetivo do jogo é o de lançar a bolinha, com o polegar, em determinada direção, para atingir objetivos preestabelecidos, conforme a modalidade que estiver sendo jogada. Existem várias modalidades, dentre as quais são citadas oito: mata-mata; triangulo; barca; buraco; búlica; zepi; rapa-põe-tira-deixa e circuito ou caracol.

Assim como outros jogos e brincadeiras, a “burca” também pode ser conhecida como “fubeca”, “bolinha de gude”, “bolinha de aço”, “bolinha de vidro” e muitos outros sinônimos.

Neste êmulo, por meio dos relatos dos entrevistados torna-se possível visualizar a diversidade de brincadeiras existentes em cada uma das infâncias retratadas, bem como a considerável variância do nome das brincadeiras conforme a origem de quem brincava. O fato de existir nomes diferenciados para um mesmo tipo de brincadeira reflete ao caráter dinâmico da cultura que remonta-se de acordo aos traços culturais existentes em cada cidade, estado ou país.

## **BRINCADEIRAS DE INFÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO PESSOAL**

Inicialmente relatamos que este trabalho faria uso de seis entrevistas semiestruturadas e como exposto acima, mencionamos somente cinco relatos orais. O fato da não menção do sexto relato refere-se à diferenciação do mesmo em função aos outros, ou seja, a sexta entrevistada possuiu uma infância singular.

Quando questionada se ela possuía brinquedos ou realizava brincadeiras de sua infância Sandra da Silva, pertencente ao assentamento Porto Maria, atualmente com 44 anos e, natural do município de São Pedro do Ivaí/PR, discursou que “*Não, minha mãe levava nois para roça, colher café e ficar debaixo dos pés de café, e ela trabalhava (...) desde pequenininha entrava na roça (...) todo mundo ia junto, roça, do pequeno ate o grande*”.

A realidade exposta pela entrevistada não difere de inúmeras infâncias existentes neste país. Antecessor a criação de leis que protegem a criança e o

adolescente, bem como Constituição Federal Brasileira de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente em vigor desde 1990, tornou-se comum à atualização de mão de obra infantil para a realização de serviços que não requerem qualificação, embasado pelo baixo custo desta mão de obra e, pelas necessidades das famílias carentes em expandirem as suas fontes de renda, a prática de usar crianças e adolescentes para o trabalho tornou-se habitual (TAVARES, 2001).

Entretanto, após a criação de leis e normas que preservam a infância e adolescência a prática de uso de mão de obra infantil veio ao desuso. Porém, entende-se que a fiscalização no meio rural possui um enfoque diferenciado ao comparado ao meio urbano, deste modo o uso de mão de obra infantil no meio rural pode ser algo frequente na atualidade.

Embasado nisto, entende-se que o trabalho também possui sua parcela na constituição da personalidade humana, mas o mesmo não pode ser um elemento que prive outros fatores importantes ao ser humano. Sanda da Silva explana em um outro momento, quando questionada sobre seus estudos que:

*Nós estudemo um pouco só, nos não estudemo muito não, meu pai não deixava a gente estudar muito, ai nos estudemo aqui. Quando nos mudemo pra aqui pro setor 3, ai tinha um ônibus que levava de Primavera/SP e depois trazia né. Ai nós estudemo em Euclides/SP. Ai nos trabalhava durante o dia, na roça, tomava banho e corria, pegava o ônibus 6h partia para Euclides/SP, chegava meia noite, e o outro dia tinha que levantar cedo.*

Para interpretar o discurso da entrevista é necessário considerar que o período relatado faz menção aos seus 14 a 16 anos de idade e, quando a entrevistada já residia em Primavera/SP, que é distrito rural de Rosana/SP.

A ausência de infância foi uma característica visualizada no discurso de Sandra, mas a infância curta também é algo latente entre os entrevistados. Neuzeme Oliveira afirma que iniciou o trabalho com sete (7) anos de idade e, quando questionada sobre as suas atribuições trabalhistas afirmou que:

*Na lavoura, quando não ia para lavoura tinha que ficar cuidando da minha sobrinha fazendo comida para os que estavam na lavoura. Eu não alcançava no fogão, que era o fogão de lenha, não sei se já viu, feito de cimento, ai meu pai fez um banquinho assim para mim subir em cima, para tirar agua do poço também. Você já imaginou se aquele pau escava da minha mão em cima daquele banquinho? Ia junto matava aquele pau batia na cabeça, mas graças a deus nunca escapou não.*

Conforme relatado, uma parte considerável das crianças que trabalhavam realizavam as atividades para auxiliar no sustento de casa, muitas vezes não recebiam remuneração financeira por isso. Isto pode ser observado no discurso de Maria de Lurdes, que também trabalhou após sete (7) ou oito (8) anos de idade, afirma que:

*Segundo o que eu te falei, as dificuldades que a gente passava, tinha na, nos arredores lá de Euclides/SP tinha um povo que plantava roça, então tinha algodão, aí na época de algodão a gente ia ajudar a colher algodão, tinha uma casa de farinha que a gente ia ajudar o senhorzinho que era arrancar a mandioca, raspar né, para fazer a farinha, e a gente ganhava a farinha para comer e um bijuzinho para comer. Porque não tinha essas riquezas que nós tem hoje.*

Levando em consideração as características expostas sobre as infâncias, torna-se possível elencar que a não valorização das brincadeiras e brinquedos deste período pode ser em função dos hábitos tradicionais, pois se os pais não possuíram em sua infância jogos e brincadeiras, conseqüentemente eles não irão transmitir aos seus filhos, pois podem não considerar brincar algo trivial. Entretanto, as dificuldades enfrentadas no campo podem ser um dos fatores limitadores da infância.

Araujo (2004, p. 399), sobre a importância das brincadeiras para infância e, em especial a interação entre adultos e crianças afirma que:

*(...) Hoje quando se fala em jogo, é para designar essa poderosa e salutar arma educativa, uma das mais completas formas de preparação para a vida real, um dos melhores meios para a formação do caráter integral da criança, do adolescente, enfim do educando. Entretanto, o jogo não é privilégio da criança. Os adultos também jogam. Jogam para retemperar as energias.*

Destarte, conforme relatado por Araujo (2004) a inserção de adultos nas brincadeiras é algo essencial para educar as crianças e, também se entende que com a inserção de mais velhos na infância tornará o hábito de brincar algo geracional, importante para a constituição do ser adulto.

Silva e Gonçalves (2010, p. 62) também discursão sobre a importância da infância para as crianças e a inserção de adultos em jogos, segundo eles:

A introdução dos jogos e das brincadeiras na vida das crianças trouxe a possibilidade de interação entre elas, comunicando-se pela expressão verbal e não-verbal. Foi percebida a importância da participação dos adultos nas atividades propostas às crianças, pois as experiências dos mais velhos proporcionavam a aprendizagem não formal aos mais novos.

O fato de brincar em conjunto, meninos e meninas, adultos, idosos e crianças, assim como diserta Silva e Gonçalves (2010. p. 63) “os brinquedos, as brincadeiras e os jogos eram tratados, antigamente, como atividades para ambos os gêneros, não restringindo a participação num ambiente coletivo ou individual (...)”, puderam ser aferidos durante as entrevistas, em especial na fala de Maria de Lurdes ao afirmar que brincava *“Em família, brincava todo mundo junto. As crianças, os idosos, brincavam de esconde-esconde, falado para você que aquele era um tempo bom”*.

## **A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E A PRESERVAÇÃO DO PATRIMONIO**

Uma parte considerável do que conhecemos de cantigas, parlendas, lendas, mitos, brincadeiras de roda, amarelinha, pião, pipa, bolinhas de gude, danças, estórias, foram traços culturais trazidos pelos nossos “descobridores” quando atracaram seus navios no Brasil (BERNARDES, 2006).

Com um país de grandes extensões territoriais e habitado por muitos povos ao longo de seus centenários de existência, bem como negros, índios e imigrantes brancos, os traços tradicionais variam de região para região, de geração em geração, assim vemos e observamos a diversidade cultural que muitas vezes apresenta-se com poucas características alteradas. Mônica (2001, p. 21) expõe a cultura como sendo algo que “modifica-se e se transforma de região a região, de acordo com os meios e sua funcionalidade. De aceitação coletiva, não perde seu caráter, seu valor, sua autenticidade”.

Destarte, insere-se o papel da oralidade como um dos mecanismos de transmissão patrimonial, em especial quando retratamos as brincadeiras e brinquedos observamos que “(...) as atividades eram passadas dos adultos às crianças pela oralidade, mantendo-se as tradições daquele jogo transmitido,

podendo ser modificado ou alterado quando introduzido em diferentes culturas e realidades” (SILVA e GONÇALVES, 2010, p. 62).

Sobre as formas de transmissão Cavali-sforza (1982) esmiúça que “(...) A transmissão pode ser vertical, quando, por exemplo, acontece de pai para filho; horizontal, de adulto para adulto; ou oblíqua, quando acontece entre não parentes de gerações diferentes” (apud, Pontes e Magalhães, 2003).

Não obstante, com o advento da internet, popularização da tecnologia, a globalização, o desenvolvimento capitalista e a sociedade do trabalho vêm sendo observado uma ruptura na oralidade e, sendo assim, na mudança e o esquecimento dos antigos hábitos e traços culturais que um dia fizeram parte da história do país. Souza (2001) discorre que:

Alguns jogos tradicionais de outras épocas vêm sofrendo um processo de apropriação pela indústria do entretenimento, promovido pelo desenvolvimento tecnológico, como o pião. Os jogos oferecidos pelo universo tecnológico e pelo modismo não representam uma identidade cultural específica, pois, o processo de globalização mundial, são oferecidos e difundidos em todo o planeta. Entre eles, destacamos o jogo de faz de conta utilizando personagens de desenhos animados como Comandos em ação, Digimon e Pokémon” (apud, SILVA e GONÇALVES, 2010, p. 65).

A transformação dos hábitos culturais e, sobretudo o sentimento de frustração pela transformação destes puderam ser aferidos durante as entrevistas. Segundo Maria de Lurdes “(...) *o povo era animado. Não tinha celular, não tinha computador, não tinha televisão. Pensa em uma infância feliz, esses hoje, sabe o que é infância? Não sabe não. Esses de hoje, não sabe mais o eu tive é infância (...)*”. Já Neuzeme Oliveira explana que “*eu tive uma infância maravilhosa, que os filhos de hoje não tem infância (...) eles não sabem brincar, eles não tem aquelas amigadas que a gente tinha de brincar, é só computador, celular só isso*”. Para Vera Oliveira “*hoje as crianças não brincam mais, só brincam no zap zap e nada mais*”.

Faz-se necessário considerar que a cultura é algo dinâmico que renova-se e adota novos traços ao longo do tempo em relação aos inúmeros fatores existentes na sociedade. Buscar voltar ao tempo e instituir valores antigos não é possível e, além disso, grande parte das pessoas consideraria retrocesso.

Entretanto, o intuito da educação patrimonial não é voltar aos modos antepassados, mas sim, resignificar, perpetuar, transmitir e disseminar

características e hábitos que fizeram parte da história, bem como afirma Ecleia Bossi “(...) lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideais de hoje, as experiências do passado” (BOSSI, 1987, p. 17).

Certeau (1995, p.192), por sua vez afirma que “mais do que um conjunto de “valores” que devem ser definidos ou ideias que devem ser promovidas, a cultura tem hoje a conotação de um trabalho que deve ser realizado em toda a extensão da vida social”.

Assim, como enfatiza Rocha (s/d. p. 19) quando disserta sobre as transformações que podem sofrer as peças artesanais folclóricas:

Se desejarmos que o artesanato folclórico permaneça tal qual foi concebido originalmente, estaremos dando uma prova do desconhecimento da dinâmica folclórica; ele se atualiza, se transforma, se aperfeiçoa ou se degrada, conforme o grupo e a situação sócio-econômico-cultural.

Destarte, insere-se o objetivo do futuro Museu do Assentado de Rosana/SP, como um espaço museu capaz de resguardar o patrimônio de trajetória de vida e origem dos assentados e, além disso, a sua funcionalidade como um elemento de transmissão e disseminação, por meio da educação patrimonial, dos hábitos e costumes deste povo.

O Museu do Assentado, bem como a inventariação do futuro acervo material e imaterial que irá compor o museu, embasam-se em quatro pilares: o resgate, a preservação, a disseminação e por fim a desmistificação dos estigmas criados pela grande mídia sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra/MST e dinâmica existente dentro dos assentamentos de reforma agrária do país, mas como objeto inicial os assentamentos de Rosana/SP.

No êmulo do resgate, preservação e disseminação dos traços culturais o museu tem como intuito inibir que o patrimônio material e imaterial dos assentados caia no esquecimento e, bem como retratado neste trabalho, coibir que as brincadeiras e brinquedos que os assentados tiveram um dia fiquem somente em suas memórias.

Ao ser questionada sobre as suas frustrações Maria de Lurdes elucida que:

*A frustração que os jovens hoje não têm a infância que a gente teve né, hoje quanto mais eles tem, mais eles acham pouco e não sabe agradecer o que tem, né, essa é uma grande... Se é uma frustração essa é uma grande, eu falo para eles mesmo né, que tem de tudo, porque a gente teve assim muitas dificuldades não tinha direito nem o que come e hoje graças a Deus tem fatura, tem leite, tem carne, mandioca, bastante coisa que a gente produz.*

Portanto, a transmissão dos valores do passado deveriam e devem ser fatores essenciais, interpretadas como eixos de sustentação para as adversidades futuras, assim como discursa Teixeira (2006) "(...) Nessa transmissão, algumas coisas vão sendo modificadas, como o nome e o sentido da brincadeira ou suas regras, precisando ser compreendidas, resgatada e ressignificada aos dias atuais".

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como alternativa para driblar o êxodo rural surge à atividade turística no meio rural como um elemento capaz de gerar renda e assim garantir a permanência das famílias e, sobretudo a disseminação e preservação dos traços e hábitos culturais existentes na zona rural dos municípios.

Os pequenos produtores rurais sofrem com a marginalização de seus produtos, pouco espaço de mercado e com a deterioração de seus traços culturais, mas, em especial, quando nos referimos aos Assentamentos de Reforma Agrária observamos que além das problemáticas da pequena produção rural, surge o estigma criado pela mídia de massa sobre esses povos.

A grande mídia de massa retrata os Movimentos dos Trabalhadores Sem Terras/MST como sendo um movimento oportunista e degradante a sociedade e, além disso, cria aos telespectadores um perfil falacioso dos assentados.

Destarte, além dos hábitos e traços culturais do meio rural, os Assentamentos de Reforma Agrária possuem em seu interior pessoas de inúmeras regiões, com costumes, crenças, hábitos e modos de vidas diferenciados dos demais. Assim, a cultura individual de cada assentado soma-se as demais gerando uma única cultura dos assentamentos cosmopolitas.

Embasado nas características culturais, êxodo rural e no estigma, tem-se o objetivo de criar um Museu do Assentado para instituir um espaço capaz de

resgatar, preservar, desmistificar e disseminar a trajetória de vida e origem destes assentados de Rosana/SP por meio da Educação Patrimonial aliada à atividade turística local.

Conforme observado no decorrer deste trabalho, os relatos sobre brinquedos e brincadeiras que as assentadas brincaram um dia, são elementos singulares que caracterizam a sua história de vida e origem que devem ser preservados e revividos para que não caiam no esquecimento das gerações atuais e das futuras gerações.

Portanto, entende-se que a maneira considerada mais efetiva para a disseminação dos traços culturais é a Educação Patrimonial, pois por meio dela se educa e se ensina crianças, jovens, adultos e idosos sobre as diferenças existentes no mundo, outros modos de vida e, essencialmente, por meio da educação quebra-se a barreira entre o conhecimento e a insciência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHAO, A. M. P. L. C. **A Música na Escola: Um Privilégio dos Especialistas? Concepção dos Professores sobre o Talento Musical e a Música na Escola e a Representação Gráfica dos Sons de Crianças de 3 anos a 6 anos de idade.** Campinas/SP, 2006.

ALMEIDA, J. A; RIEDL, M. **Turismo Rural, Ecologia, Lazer e Desenvolvimento.** Barueri, SP: EDUSC, 2000.

AMARAL, A. **Brincadeiras no Norte: Caí no Poço.** Nova Escola. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/creche-pre-escola/brincadeiras-regionais-norte-cai-poco-699159.shtml>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

ARAUJO, A. M. **Folclore Nacional II: Danças, Recreação e Música.** 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BARRETTO, M. **Cultura e Turismo, Discussões Contemporâneas.** Campinas/SP: Papirus, 2007.

BOSI, E. Memória-sonho e Memória-trabalho. In: **Memória e Sociedade: Lembranças dos Velhos.** São Paulo: T. A Queiroz Editor, 1987.

BERNARDES, E. L. Jogos e Brincadeira: Ontem e Hoje. **Cadernos de História da Educação**, n. 4, jan/dez. São Paulo: 2005.

CASCUDO, L. da C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12.ed. São Paulo: Global, 2012.

CERTEAU, M. de. **A Cultura Plural**. Tradução Enid Abreu Dobránszky. Campinas/SP: Papyrus, 1995.

FERNANDES, B. M; RAMALHO, C. B. **Luta pela Posse de Terra e Desenvolvimento Rural no Pontal do Paranapanema**. Scielo, 2001.

FRIDMANN, A. **A Arte de Brincar: Brincadeiras e Jogos Tradicionais**. 9.ed. Petrópolis/ RJ, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Resultados da Amostra do Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <[http:// www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em: 19 nov. 2014.

LEITE, J. F. **A Ocupação do Pontal do Paranapanema**. São Paulo: Fundação UNESP; Hacitec, 1998.

MONICA, L.D. **Turismo e Folclore: Um Binômio a ser Cultuado**. 2.ed. São Paulo: Global, 2001.

PAIÃO, J. D. **Terras Devolutas no Pontal do Paranapanema**. Presidente Prudente/SP: Faculdades Integradas, 2001.

PIMENTEL, A. E. E. **Assentamento de Reforma Agrária na Região do Pontal do Paranapanema e seus Impactos Econômicos e Sociais**. São Carlos: UfsCar, 2005.

PONTES, F. A. R; MAGALHÃES, C. M. C. A Transmissão da Cultura Brasileira: Algumas Possibilidades de Investigação. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.16, n.1, p. 117-24, 2003.